

Traduções são possíveis?

VILÉM FLUSSER

A pergunta não é retórica, embora pareça sê-lo. Sei que existem traduções de toda espécie de textos, começando por telegramas das agências noticiosas e culminando com poesias chinesas em língua portuguesa. Sei também que existem tradutores oficiais, isto é pessoas supostamente prontas a jurar que sentenças búlgaras têm equivalentes bascos. E, no entanto, toda vez que vejo uma tradução, reajo como aquela criança confrontada com uma girafa: o bicho não existe. O curioso nisto é que uma inspeção mais cuidadosa da girafa faz com que o bicho efetivamente comece a dissolver-se. Parei um exemplo. Os jornais ocidentais trazem, ocasionalmente, traduções dos pensamentos de Mao, que são geralmente sentenças extremamente simples, extremamente gastas, e extremamente chatas. Quando as leio tenho a nítida sensação que são caricaturas. Não acredito que essas sentenças traduzem o pensamento de Mao, não apenas porque os jornalistas agem de má fé, mas também porque a tradução não é possível. Outro exemplo famoso: um computador traduz sentenças portuguesas para o russo, e retraduz essas sentenças. A sentença a ser traduzida é esta: "fóra da vista, fóra da mente". O resultado da retradução é o seguinte: "Alienado invisível". Insisto pois: traduções são possíveis?

Considerem uma teoria ingênua que explica porque traduções são possíveis. Existe uma realidade. Existem várias línguas. A realidade é composta de situações, as línguas de sentenças. O sentido das sentenças são situações da realidade. As sentenças das várias línguas falam sobre situações da mesma realidade. Quando uma sentença de uma língua fala sobre a mesma situação real sobre a qual fala uma outra sentença de uma outra língua, uma sentença é tradução da outra. Por exemplo: a sentença inglesa "this is a fairy" fala sobre a mesma situação real, sobre a qual fala a sentença portuguesa "isto é uma fada", (embora a realidade da situação possa ser duvidada por alguns adultos). As duas sentenças são portanto traduções uma da outra.

A teoria implica uma praxis. E esta: tenho uma sentença que pretendo traduzir em outra língua. Olho para a situação real sobre a qual a minha sentença fala. Depois procuro na outra língua por aquela sentença que fale a respeito da mesma situação da realidade. Se conseguir localizar essa sentença, terei traduzido. Pergunto a todos aqueles que jamais traduziram uma sentença: será assim que terão procedido? A resposta será, obviamente, negativa. O procedimento efetivo é este: Para traduzir preciso de ~~dois~~ livros, de um dicionário e de uma gramática da língua da qual e para a qual traduzo. (Naturalmente, os livros podem estar apenas na minha memória, não necessariamente na minha escrivaninha). No dicionário comparo as palavras da minha sentença com as palavras da outra língua. Pelas duas gramáticas comparo as regras que informam a minha sentença com as respectivas regras da outra língua. Se conseguir fazer coincidir palavras e regras, terei traduzido. Esta será minha praxis. E esta praxis desmente a minha teoria. Não comparo línguas com situações reais, mas comparo entre línguas. "Situações reais" é uma hipótese desnecessária para a praxis da tradução, e deve ser abandonada.

O abandono da hipótese é incômodo por razões não diretamente ligadas à minha

VILÉM FLUSSER

praxis. Implica a pergunta: Afinal, sobre que falamos sentenças, a não ser sobre situações da realidade? Para obviar a pergunta, posso tentar complicar um pouco o problema. Por exemplo, posso dizer que palavras articulam conceitos, e que sentenças articulam pensamentos. E que portanto duas sentenças podem e devem ser consideradas "tradução", quando articulam os mesmos conceitos no idêntico pensamento. Com efeito, posso dizer que dicionários são protocolos a indicar conceitos com suas respectivas palavras em duas línguas, e gramáticas são regras de uma língua a formular pensamentos. Mas a substituição das situações reais por pensamentos não adianta, apenas confunde. porque pressupõe, no dicionário, uma coluna invisível entre as duas palavras, que seria a coluna dos "conceitos sem palavra". E por baixo das gramáticas pressupõe um livro invisível, que seria "o conjunto dos pensamentos sem regras". Embora mais refinada, esta segunda teoria, (psicologizante), deve ser recusada ainda mais enfaticamente que a primeira. Não apenas pela mesma razão prática, (não necessito da hipótese do pensamento para traduzir), mas também porque a teoria introduz espectros como "conceito sem palavra" e "pensamento sem regra". E não resolve o problema autêntico da relação entre sentença e situação, mas apenas injeta nela mais um elo.

A praxis da tradução me mostra ser ela uma comparação de palavras com palavras, e de regras com regras. Para traduzir, preciso de duas línguas, e de nada mais (não preciso de uma realidade ou de um reino do pensamento). Chamarei o conjunto das palavras que compõe uma determinada língua "repertório dessa língua". E chamarei o conjunto das regras que ordena uma determinada língua "estrutura dessa língua". Quando traduzo, comparo os repertórios e as estruturas de duas línguas. O problema da tradução, (a pergunta: é ela possível?), é pois o problema da comparação, isto é o problema da semelhança. O segundo Wittgenstein, (o das "Investigações"), sabe disto. Semelhante significa igual e desigual, por exemplo: duas línguas são iguais, porque são línguas, e são desiguais, porque são duas. São semelhantes. Por isto posso compará-las. Possam iguais, não poderia. Possam desiguais, não poderia. Mas posso. Por isto, traduções são possíveis.

Considerem esta terceira teoria um pouco mais de perto. Em que sentido posso dizer serem iguais duas línguas? No sentido de coincidirem de alguma forma. A forma na qual coincidem as duas línguas, (na qual são "iguais"), pode, por sua vez, ser considerada uma língua, com efeito uma terceira língua. Esta terceira língua, (que chamarei "meta língua"), abranje as duas línguas, (e possivelmente outras mais), e é neste sentido no qual as duas primeiras coincidem. Coincidem porque são casos especiais de uma terceira. São espécies do mesmo género, membros da mesma classe. A sua igualdade é genérica, e específica a sua desigualdade. Por isto a tradução entre elas é possível. A tradução conservará o carácter genérico de uma sentença, e modificará o carácter específico da sentença. Genéricamente a tradução é possível, especificamente impossível. É isto que a nossa terceira teoria afirma.

Isto parece ser muito razoável. E, com efeito, a teoria é atualmente esposada

VILÉM FLUSSER

por muitos. Vejam como funciona na praxis. Tenho uma sentença que quero trazer para outra língua. Procuro encontrar uma meta língua na qual ambas ocorram. Os dicionários e as gramáticas ajudam a encontrá-la. Traduzo a minha sentença "verticalmente" para a meta língua. De lá traduzo, "para baixo", para a outra língua. Se conseguir fazê-lo, terei traduzido. Por exemplo: tenho a sentença "água é composta de dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio", e pretendo traduzi-la para a língua inglesa. A meta língua apropriada ao caso é a da química com seus símbolos claros e distintos. Nela encontro a sentença " H_2O is composed of two atoms of hydrogen and one of oxygen". Esta sentença é a classe da qual a minha sentença portuguesa é membro. Outro membro da mesma classe é a sentença inglesa "water is composed of two atoms of hydrogen and one of oxygen". Esta será pois a tradução almejada. Confesso que o exemplo é extremamente favorável à teoria. Não será tão fácil encontrar uma meta língua apropriada para uma sentença como "tenho medo". Mas é possível, graças à análise lógica e outros truques.

No entanto duvido que a teoria possa ser mantida, por mais razoável que seja. Em primeiro lugar, porque a descrição da praxis da tradução que ela oferece não convence inteiramente. Será efetivamente assim que traduzo? Procurando por meta línguas? É possível que assim seja. É possível que efetivamente, ao traduzir, passo por uma meta língua, e o faço tão rapidamente que não me dou conta disto. E que, devido à rapidez, tomo por intuição ou por empatia linguística algo que na realidade é um processo sistemático de passagem de uma língua para outra pelo canal de uma meta língua. Por exemplo pela meta língua do simbolismo lógico, ou qualquer outra estrutura equivalente. Tudo isto é possível. Mas mesmo se for assim, como escolho a minha meta língua? E como de estou quando escolho a meta língua? Numa meta língua? Receio que a nossa teoria conduza, desesperadamente, a uma redução ao infinito.

Em segundo lugar, (e este argumento é, creio, decisivo), com que direito posso dizer que a língua da química, (por exemplo), é a meta língua da língua portuguesa? Porque nela coincidem a língua portuguesa e inglesa? E acaso não ocorrem, no português, a língua da química e a inglesa? É verdade que a palavra " H_2O " é a classe das palavras "água" e "water". Mas é igualmente verdade que a palavra "água" é a classe das palavras " H_2O " e "water". E tem mais exemplos: "água" abrange "água", mas apenas em parte. Não abrange aquela "água" da qual Tales diz que é melhor, nem aquela da qual nasceu Afrodite. E "água abrange " H_2O ", mas apenas em parte. Não abrange, por exemplo, aquele " H_2O " que os modelos atômicos atuais representam. Em outras palavras: toda meta língua pode ser considerada membro de não importa que língua da qual ela é classe. E isto invalida a nossa terceira teoria. Como diz Yeats: "Mirror on mirror mirrored is all the show" (espelho por espelho espelhado é todo o espetáculo). E, como acontece sempre com problemas desta natureza, somos tomados de vertigem, sintoma de termos tomado um caminho certo.

Não duvido que a terceira teoria da tradução contém um germe de verdade. Mostra que traduções são possíveis e simultaneamente impossíveis. Mas tal como está sendo exposta atualmente não pode ser mantida. O presente artigo propõe

VILÉM FLUSSER

de mostrar os problemas que ela provoca. Estes problemas não têm apenas im-
portância para a praxis da tradução, mas envolvem toda a problemática de uma
das correntes atuais em filosofia. É óbvio que não pretendo conhecer todos
estes problemas, e muito menos solucioná-los. Meu desejo é apenas que sejam
enfrentados e discutidos mais amplamente por todos aqueles, em nosso ambien-
te, que traduzem e que se preocupam com a "validade" do traduzido. E como o
térmo "traduzir" é muito amplo, (se o considerarmos um pouco mais atentamen-
te), isto inclui todos aquela que lêem e escrevem, afinal das contas.